



## UMA REFLEXÃO SOBRE BIOGRAFIA E SUBJETIVIDADE NA HISTÓRIA

**Carlo Romani\***

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.**

[carlo.romani@unirio.br](mailto:carlo.romani@unirio.br)

**RESUMO:** Este ensaio busca refletir sobre o uso da biografia como forma de construção da narrativa histórica e discutir o estatuto da biografia no âmbito da historiografia. Para isso, empreendemos uma reflexão sobre a produção da biografia do italiano Oreste Ristori, iniciada como um estudo acadêmico das formas internacionalistas de organização e difusão do movimento anarquista entre os séculos XIX e XX. A partir dessa experiência pessoal na escrita de uma biografia, discutem-se as relações entre a biografia, a história e a historiografia: os diferentes usos das biografias na história, as formas de narrativa, a relação entre o particular e o geral, a preponderância da subjetividade e o indivíduo elevado à condição de categoria histórica. São analisadas as diferentes perspectivas sobre esse gênero literário e discutem-se questões específicas do método de pesquisa voltado para a escrita da biografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia - subjetividade - indivíduo - cultura libertária

## A REFLECTION ON BIOGRAPHY AND SUBJECTIVITY IN HISTORY

**ABSTRACT:** This essay aims to reflect about the use of the biography as a way to build historical narratives and, also, the status of the biography in the historiography. Therefore, we undertake a reflection on the production of the Oreste Ristori's biography, started as an academic study of the internationalists forms of organization and diffusion of anarchist movement between the 19th and 20th centuries. From that personal experience as a biography writer, the relationships between biography, history and historiography are discussed in this essay. Also, is shown the different biographical usages in history, the strategies to do the narrative, the relationship between the individual and the general, the subjectivity and the status of the individual as an historical category. It is analyzed the different perspectives on this literary genre and is debated specific issues of research focused on the writing of the biography.

**KEY-WORDS:** biography - subjectivity - individual - libertarian culture

---

\* Professor Adjunto II, Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (2003)

Às vésperas do lançamento da versão italiana da biografia do anarquista Oreste Ristori,<sup>1</sup> fui indagado pelo editor em qual categoria literária ela deveria ser classificada. Para mim era evidente que se tratava tanto de um livro de história quanto de uma biografia histórica. Mas, com esse questionamento vindo novamente à tona e trazido por uma editora voltada a um segmento de público bastante específico como é a Biblioteca Franco Serantini,<sup>2</sup> dei-me conta de que essa discussão estava longe de ser superada. Lembrei-me da passagem pelo Brasil de Jorge Castañeda por ocasião da edição brasileira de seu livro sobre Che Guevara no distante ano de 1997, época em que eu ainda corria atrás de fontes para a produção da história de Ristori. Entre novas e velhas polêmicas trazidas por Castañeda sobre a vida do revolucionário argentino, ressaltavam perguntas sobre o uso mercadológico que vinha sendo feito das biografias, desde então bastante em voga e lançadas anualmente às dezenas pelo mercado editorial, principalmente no caso de personagens históricos de forte apelo popular. Perguntado se seu livro fazia parte desse boom ou se o considerava uma obra de caráter histórico, o político e acadêmico mexicano desconversou. Isentou seu trabalho do caráter profano com que o mercado biográfico em geral trabalhava, mas, para ele, uma biografia histórica, mesmo que de acentuado cunho político, por mais que narrasse muito mais do que as curiosidades da vida de um indivíduo público, como ele também o fazia em relação a Che, nunca poderia ser confundida com a História com “agá” maiúsculo dos historiadores.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**. Pisa: BFS, (2014 no prelo). A edição original: ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori, Uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume, 2002. 308 p. A pesquisa original foi financiada pela FAPESP com uma bolsa de mestrado entre os anos de 1996 e 1998. Atualmente a publicação da edição italiana integra-se ao projeto de pesquisa em andamento financiado pela FAPERJ, “Antifascismo italiano no Brasil”, com término previsto para o ano de 2015.

<sup>2</sup> Afinal o livro foi incluído na categoria de cultura histórica. A Biblioteca Franco Serantini é composta de uma biblioteca e de um arquivo histórico na cidade de Pisa que são referências nos estudos sobre anarquismo na Itália. A casa editora Franco Serantini, é especializada na publicação de títulos sobre a cultura libertária, entendida de modo amplo, principalmente nas áreas de História e de Política, mas que contempla também um catálogo plural voltado para estudos contemporâneos nos mais variados temas que não são considerados atraentes pelo mercado editorial formal. Ver página da editora disponível em <<http://www.bfs.it/edizioni/index.php>>, Acesso em 26 out. 2014.

<sup>3</sup> A polêmica surgiu na entrevista dada por Jorge Castañeda ao Caderno Mais, Folha de S. Paulo, 29 jun. 1997. A obra é questão: CASTAÑEDA, Jorge. **Che Guevara: a vida em vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 536 p. Passagens dessa polêmica podem ser encontradas na entrevista dada ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, em 30 de junho de 1997. O vídeo do programa está online e a entrevista também foi transcrita na mesma página. Disponível em <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/532/entrevistados/jorge\\_casta%C3%B1eda\\_1997.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/532/entrevistados/jorge_casta%C3%B1eda_1997.htm)>, Acesso em 18 out. 2014.

Este ensaio busca refletir criticamente sobre esta concepção que sinaliza para uma aparente contradição entre a biografia e a história. E o faço a partir de uma interpretação que entende ser a forma narrativa biográfica um gênero que permite conduzir a uma subjetiva, mas bastante verossímil, aproximação entre a escrita sobre uma história individual com aquela da época narrada e, assim, fazer dessa história individual uma narrativa particular daquela História “com agá maiúsculo”, e nem por isso menos relevante. Ao mesmo tempo em que apresento algumas das soluções metodológicas possíveis para o historiador que envereda pelo gênero biográfico, levanto também alguns problemas relacionados a essa tarefa esperando com isso contribuir um pouco mais para o aprofundamento das discussões pertinentes a esse tema. E por tratar desse tema a partir de uma espécie de *making of* da própria obra, um tipo de metanarrativa, este artigo não deixa de ser, também, uma autobiografia da produção.

## **A ESCOLHA DA BIOGRAFIA COMO FORMA DE NARRATIVA HISTÓRICA**

Quando comecei a pesquisar o anarquismo e a cultura anarquista no Brasil do início do século XX ainda era impossível prever que um trabalho sobre um tema tão vasto e contagiante acabasse se direcionando para a investigação da vida de um indivíduo em particular. Os primeiros contatos travados com a personalidade de Oreste Ristori foram através das obras do brazilianista John Foster Dulles, dedicado a escrever uma história das esquerdas no Brasil da Primeira República, e dos diversos volumes publicados por Edgar Rodrigues, que, na falta de uma melhor definição possível, chamarei de memorialista.<sup>4</sup> Rodrigues, cuja obra histórica sofreu bastante com o preconceito acadêmico, imprimiu em suas páginas uma visão muito particular e subjetiva da história do anarquismo e tem passado por uma necessária reavaliação historiográfica.<sup>5</sup> As informações disponíveis nesses volumes sobre a trajetória pessoal

---

<sup>4</sup> DULLES, John. W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 432 p.; RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**. Vol. 4. Florianópolis: Insular, 1997. 232 p.; RODRIGUES, Edgar. **Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil**. São Paulo: Global, 1984, p. 187

<sup>5</sup> A discussão sobre o caráter historiográfico da vasta obra de Edgar Rodrigues, em geral bastante menosprezado pelos historiadores que o percebem apenas como fonte para seus trabalhos, passou por uma oportuna revisão positiva em MONTEIRO, Fabrício Pinto. **Anarquismos e formas de subjetivação nas escritas da História**. Tese (Doutorado em História)-PPGH, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. 249 p. Ainda sobre Rodrigues, ver a biografia feita por ADDOR Carlos Augusto. **Um homem vale um homem. Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012, p. 436.

de Ristori, pequenas e breves citações de relatos esparsos sobre sua vida, lhe davam um tom, ao mesmo tempo, rocambolesco e épico. Um sujeito que praticamente passou a vida inteira fugindo da polícia, mudando de cidade em cidade, de país em país, sendo preso, libertado, preso novamente, expulso, deportado, imigrando, retornando ao local de origem, polemizando, lutando, enfim, propagandeando aquilo em que realmente acreditava e fazendo-o da forma italiana mais simbólica possível: “parlando, parlando”. O que a princípio poderia dar a impressão de ser um personagem caricato e idealizado, a investigação realizada foi progressivamente descortinando-o como um indivíduo raro e difícil de ser enquadrado em uma tipologia representativa de uma classe ou de um sujeito histórico determinado, seja o do operário do fim do XIX, seja o do militante político profissional proveniente do proletariado, apesar dele também ter sido isso tudo.

Seduzido pela trajetória desse personagem, dei-me conta de ter encontrado um desses homens comuns que poderia ser o vizinho sentado no bar ao lado junto aos companheiros, alguém palpável ali na esquina da praça, ou que poderia fazer parte do cotidiano de qualquer bairro popular paulistano do início dos Novecentos. Contudo, um personagem que além de ter essa característica da vulgaridade também dela se diferenciava por ter vivido intensamente a aventura da propaganda anarquista, fenômeno que se tornou parte inseparável de seu dia a dia. Um homem comum no sentido de que as suas práticas e ideias emergiram de um ambiente de classe socialmente desfavorecido e que poderíamos indicar como inserido dentro de um segmento mais amplo da cultura popular italiana de fins do século XIX, que como resultado da diáspora migratória dessa época esparramou-se por vários outros países mundo afora. Ao pensá-lo desse modo, recordei-me do comentário de Carlo Ginzburg sobre o processo por ele achado no Arquivo da Cúria Episcopal de Udine – uma acusação promovida pelo Santo Ofício contra um moleiro acusado de heresia ao final do século XVI – que lhe permitiu escrever sobre a cultura popular e a circularidade da cultura nos tempos da Inquisição:

se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria um absurdo descartar estas últimas. Não é um objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de 'indivíduo'.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 20.

Poderíamos reforçar esta perspectiva apoiando-nos na reconstituição feita por Natalie Zemon Davis sobre a vida de um impostor no Languedoc francês do século XVI<sup>7</sup>. Uma biografia lançada em livro e pesquisada inicialmente para o roteiro do filme *O retorno de Martin Guerre*, o percurso dessa obra de Natalie Davis, simultaneamente da história para o cinema e vice-versa, revelou a amplitude do trabalho do historiador e fortaleceu o diálogo pouco usual com outras formas de narratividade. Citei aqui esses dois marcos historiográficos como ponto de partida para o debate que, principalmente a partir da década de 1980, passou a envolver frequentemente as relações entre história e biografia. Ciente dessa dupla investidura, ancilar ao nosso ofício, a de investigar vidas comuns pouco documentadas e a de produzir narrativas excêntricas ao padrão historiográfico, mesmo que compartilhadas por autores do porte do erudito italiano e da best-seller norte-americana, restou-me ver se existia uma documentação sobre Oreste Ristori que oferecesse a oportunidade de tornar pública sua história.

Contudo, do ponto de vista metodológico, contrariamente a Ginzburg, preso ao paradigma materialista da história, coloquei-me absolutamente distante de qualquer pretensão a uma objetividade moderna trazida via ciências sociais para o ofício da investigação histórica. Para mim, compartilhando a tese de Franco Ferrarotti, a escolha do método biográfico “implicou em ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida”<sup>8</sup> e deliberadamente assumir a subjetividade como paradigma científico inerente não somente às ciências humanas, mas à ciência como um todo. Se a desconfiança em relação à objetividade científica do historiador esteve presente nesta investigação desde o início, na medida em que o trabalho de pesquisa avançou evidenciou-se a “demonstração da interferência estrutural do sujeito no objeto observado”<sup>9</sup> da qual nos fala Boaventura de Souza Santos ao mostrar como que os resultados constatados empiricamente pela física quântica legitimaram novas abordagens nas ciências sociais desde meados do século passado.

Mas, voltemos ao percurso autobiográfico da produção dessa obra. Uma investigação preliminar das fontes apontou para a existência de um vasto material de

---

<sup>7</sup> DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 188.

<sup>8</sup> FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia – Problemas e Práticas**, CIES-IUL, Lisboa, 1991, p. 172.

<sup>9</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2 nº. 2, São Paulo, IEA/USP, 1988, p. 55.

trabalho, principalmente no que tangia à esfera pública do personagem, tais como periódicos, opúsculos, dossiês e prontuários policiais. Oreste Ristori dirigiu ao longo de sua vida (1874-1943), dois periódicos de duração contínua: o *La Battaglia*, de 1904 a 1913 e o *El Burro*, de 1917 a 1921. Em seus 69 anos de existência publicou vários opúsculos, dos quais poucos resistiram ao tempo. Todos, trabalhos de pequena repercussão, muitas vezes publicados em forma de capítulos nas próprias páginas dos periódicos, mas que atingiam diretamente as demandas e necessidades de seus leitores em seu meio de atuação política. Já, no que tange às cartas, fotografias, diários e outros documentos, que podemos classificar como relativos à esfera privada da vida, havia uma escassez quase total de fontes. Porém, em um meio como o da cultura anarquista, onde a organização social ainda se encontrava intrinsecamente relacionada à vida em comunidade, o público confunde-se com o privado e as fontes existentes estabeleciam em grande parte a junção entre as duas esferas. A confirmação da existência desse material de trabalho permitiu e validou a ideia inicial de se produzir uma história sobre o anarquismo e a cultura internacionalista da passagem do XIX para o XX a partir da trajetória de vida desse personagem.

Nesse ponto se colocou uma segunda questão. Rastrear a vida de um indivíduo pouco conhecido e contar sua história, mesmo que com o objetivo de traçar a história de um movimento político, significaria, também, fazer sua biografia, um gênero histórico relegado a um segundo plano, dada a sua proximidade com a literatura e o jornalismo, a não ser quando elaborada por historiadores já consagrado como Carlo Ginzburg ou Georges Duby. O efetivo debate sobre a biografia como um gênero historiográfico desenvolveu-se a partir de meados da década de 1970, no âmbito da nascente micro-história italiana, esse olhar particular trazido por Giovanni Levi para uma forma de história que seria capaz de produzir uma leitura singular do universal<sup>10</sup>. Levi nos diz que a biografia constitui a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprias da literatura são postas à historiografia, mas, também, deixa bem claro as diferentes exigências existentes para romancistas, sociólogos e historiadores<sup>11</sup>. Situa-se numa, na perspectiva diferente daquele compreendida por Pierre Bourdieu, crítico do

---

<sup>10</sup> Para um estudo crítico do impacto da micro-história na produção historiográfica dos anos 1960 a 1980, ver LIMA, Henrique Spada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 528.

<sup>11</sup> LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie, **Annales ESC**, nov.-dez.1989, nº. 6, p. (1325)-(1336).

gênero, para quem o biógrafo que tenta ordenar e dar coerência à história de vida do biografado, tentação comum ao meio para tornar a biografia uma leitura mais aceitável, produz uma criação artificial de sentido que ele chama de ilusão biográfica, fato que tornaria as biografias desprovidas de valor científico.<sup>12</sup>

Por outro lado, os diferentes usos da biografia como narrativa histórica arrolados por Levi esbarram na questão que envolve a relação entre o indivíduo e o seu contexto, e, principalmente, no grau de liberdade de que dispõe o indivíduo em relação a ele mesmo<sup>13</sup>. Para Levi as produções biográficas vão desde um uso modal, e aqui, ele se refere ao campo quantitativo da produção prosopográfica na qual as biografias individuais serviriam apenas para ilustrar formas típicas de comportamento coletivo, até o uso em situações extremas como o caso do moleiro Menocchio estudado por Ginzburg, onde o indivíduo destaca-se e distancia-se do seu contexto da época.

O destino de Menocchio seria o destino de certos personagens, reais ou fictícios, que Giacomo Debenedetti, em sua arguta percepção sobre a subjetividade humana, situaria como aventureiros, vagabundos, excêntricos, tipos que ousaram inverter as possibilidades oferecidas no contexto social de sua existência e cuja solução os levou a navegar nas margens da sociedade da época. Quando criados nos romances, seriam tipos a cumprir o papel do personagem absurdo do realismo fantástico ou de outra solução narrativa inesperada para a trama convencional, geralmente dramática. Na análise empreendida pelo escritor e crítico literário italiano sobre o destino de alguns protagonistas dos romances, notadamente aqueles que aparecem nas páginas de Marcel Proust, a aventura da vida que neles se decifra aparece fragmentada, improvisada, deliberadamente desprovida de qualquer sentido de objetividade<sup>14</sup>. Exemplar para nosso caso em estudo é sua análise de Zeno Cosini, o protagonista do célebre romance de Italo Svevo<sup>15</sup> composto como uma narrativa biográfica, que com sua complexidade e

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-192.

<sup>13</sup> LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie, **Annales ESC**, nov.-dez.1989, nº. 6, p. 1325-1336.

<sup>14</sup> DEBENEDETTI, Giacomo. Commemorazione provvisoria del personaggio - uomo. In: \_\_\_\_\_ **Il personaggio uomo. L'uomo di fronte alle forme del destino nei grandi romanzi del Novecento**. Milão: Garzanti Libri, 1998, p (9)-(49). Esse capítulo foi escrito no ano de 1965 para uma mesa redonda sobre cinema e narrativa durante o Festival de Veneza e publicado pela primeira vez em forma de artigo em 1967. Para uma introdução em língua portuguesa às reflexões de Debenedetti indicamos a leitura de PASSOS, Mateus Yuri. De personagens, partículas e destinos: o ensaísmo de Giacomo Debenedetti, **Remate de Males**, Campinas-SP (31.1-2) p. 227-240, jan.-dez. 2011.

<sup>15</sup> SVEVO, Italo. **A consciência de Zeno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 429.

incoerência aproximar-se-ia das existências reais, superando, assim, a artificialidade característica à construção literária dos personagens romanescos.

Quando o indivíduo se superpõe ao contexto e a trama de sua vida impede que seja oferecida uma explicação ou interpretação coerente, nesses casos, é que surgiram, na história, personagens de maior aproximação com a boa literatura de romance, como foi o caso do excêntrico impostor Martin Guerre. Ao contrário, nos afastaríamos dessa literatura quando a escrita sobre o personagem investigado o constrói sem ter margem de manobra em relação ao seu contexto, tornando-o paradigma da cultura de uma época. Esse seria o caso, por exemplo, do estudo feito por Michel Foucault sobre o documento autobiográfico escrito pelo “infame” (por ser destinado ao esquecimento) Pierre Rivière. A peça que compõe o seu processo por parricídio insere-se adequadamente na cultura criminal francesa do século XIX.<sup>16</sup> Ao apresentar e discutir esses diferentes casos, o artigo de Giovanni Levi nos trouxe uma excelente cartografia sobre os diferentes usos possíveis da biografia, mas o conclui ainda sem responder à sua própria questão: podemos escrever a vida de um indivíduo?

Saindo um pouco do debate historiográfico sobre o tema e entrando no campo da produção biográfica em si, as primeiras impressões que senti na medida em que fui afirmando o desejo de realizar uma biografia, foram as de que esse gênero permanecia ainda marcadamente ligado ao jornalismo, ou de que um tipo de literatura jornalística ainda dominava esse meio de produção narrativa. Para que se possa dar o salto que legitime uma biografia enquanto historiografia faz-se necessário, não somente estabelecer um diálogo com a historiografia existente, como, também, instituir, do ponto de vista metodológico outro tipo de trato com as fontes. Mas a história, tradicionalmente, não lida com indivíduos isoladamente, lida com os homens e mulheres vivendo em sociedade. A história de vida de alguém, por si só, pode interessar a um público leitor curioso, mas não interessa, a priori, ao debate historiográfico, a não ser que aprofunde questões específicas de uma área temática da história que possam emergir da vida do sujeito pesquisado. Como proceder, então, para alcançar aquele estatuto historiográfico numa obra de caráter biográfico? Além de realizar uma investigação rigorosa, o que qualquer escritor ou jornalista também pode fazê-lo, e são inúmeros os exemplos que mostraram isso – a excelente biografia escrita por Christiane

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...** 3a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 294 .



Barckhausen-Canale sobre a vida da fotógrafa Tina Modotti no México pós-revolucionário é um deles<sup>17</sup> –, que articulação realizar entre a história do biografado e a área temática correlata da história para avaliar o valor historiográfico de seu conteúdo? E principalmente, como realizar isto sem perder de vista o objetivo principal proposto originalmente pelo trabalho: escrever a história de um indivíduo, o sujeito -protagonista de sua ação histórica?

### COMO ESCREVER UMA BIOGRAFIA HISTÓRICA?

Vasculhei alguns caminhos possíveis de serem percorridos para estabelecer essas relações existentes entre o indivíduo e a história, tentando identificar aquele que melhor se adequasse e refletisse os objetivos propostos. Partir da análise de um indivíduo como sendo representativo de seu grupo ou classe social seria uma das possibilidades. Mas, pela sua singularidade, Oreste não o foi, assim como não o era Menocchio. Ambos não se comportaram como o indivíduo medíocre característico de seu grupo social. Oreste construiu sua personalidade, carismática, que o destacou da média e lhe imprimiu uma projeção simbólica – aquele ideal de luta pela revolução social que ele cristalizava e que, ao mesmo tempo o distanciava do cotidiano das pessoas que viveram nos mesmos círculos sociais por ele transitados.

Oreste foi um desses indivíduos que conseguiu realizar durante sua vida a passagem daquilo que Franco Ferrarotti denominou de a trajetória do "homem inteiro". Ultrapassar sua condição de "homem cotidiano", onde convivem simultaneamente o singular e o genérico, para a do "inteiramente homem", quando se toma consciência entre essa particularidade e a generalidade da própria existência. O sociólogo italiano nos propôs um método de investigação científica voltado para a construção do saber vindo do cotidiano, entendendo que “cada vida humana se revela em seus aspectos menos generalizáveis como uma síntese vertical de uma história social”.<sup>18</sup> A biografia do socialista gaúcho Antônio Guedes Coutinho, escrita por Benito Schmidt, serve muito bem para demonstrar a proposição de Ferrarotti, pois estabelece a mediação entre a ação, a história individual do personagem, e a história de fundo, social, do movimento

---

<sup>17</sup> BARCKHAUSEN-CANALE, Christiane. **No rastro de Tina Modotti**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1989, p. 269.

<sup>18</sup> FERRAROTTI, Franco. **Storia e storie di vita**. Roma: Laterza, 1981, p. 41.

socialista.<sup>19</sup> Ao fazer esse percurso, seu autor enveredou pelo caminho da pesquisa da vida cotidiana do personagem. A história de vida de Coutinho funcionou nesse trabalho como síntese vertical da história social do movimento socialista gaúcho e cumpriu a aposta metodológica proposta por Ferrarotti. Poderíamos situar nesse mesmo círculo de biografias cujo objetivo é o de mostrar a construção de um movimento político-social, aquela de Neno Vasco, embora seu autor, Alexandre Samis, demonstrasse uma menor preocupação específica com a vida cotidiana do protagonista<sup>20</sup>. Seu objetivo principal fora o estudo sobre a interação entre o anarquismo e o sindicalismo no Brasil do início do século XX que teve ativa participação do anarquista português, portanto um estudo sobre a atividade política do militante. Assim, apesar da singularidade da vida do protagonista, a relevância do trabalho recaiu sobre o estudo do movimento operário e de sua transnacionalidade.

Nesse sentido, a trajetória individual de Oreste Ristori mostrou-se um artefato capaz de mediar o encontro entre o particular e o geral numa dimensão ainda mais profunda do que aquela empreendida pelos dois militantes anteriores. Ristori não realizou a ultrapassagem do cotidiano apenas em alguns momentos de sua trajetória, ao contrário, foram somente em alguns momentos de refluxo em sua história pessoal, nos quais ele refugiou-se em uma vida cotidiana, especialmente quando, já consumido pelas forças, demorou-se mais em sua vida privada com a esposa Mercedes. Na década de 1930, com as dificuldades de locomoção devidas a um acidente nas pernas que remonta a uma de suas fugas aventureiras, Ristori passou a receber visitas de ilustres anarquistas e comunistas, como a então jovem aspirante a literata Zélia Gattai, que narrou mais tarde o episódio do encontro na casa do velho militante<sup>21</sup>. Mas, esse refúgio no ambiente da vida privada durou pouco tempo; logo passou a ser novamente perseguido até sua expulsão definitiva do Brasil no ano de 1936. Além da participação ativa no movimento anarquista de outrora, Ristori manteve uma intensidade de vida que deixou como legado esse interesse histórico muito particular para as futuras gerações, pois sua ação

---

<sup>19</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul**: Antônio Guedes Coutinho. Porto Alegre: UFRS, 2000. 180 p.

<sup>20</sup> SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro**. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009, p. 456.

<sup>21</sup> GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 205-208.

ultrapassou a própria história daquele movimento social e inseriu-se na história política do país na perspectiva das classes subalternas.

Para que eu permanecesse fiel ao gênero e ao personagem se fez necessário um deslocamento em relação ao modelo proposto por Ferrarotti, desviando-o em direção ao que denomino de uma biografia histórica pura na qual o personagem torna-se maior que a área temática da história em que ele se inseriu. Um mito, um herói? Também não é o caso. Esse anarquista italiano foi repleto de contradições ao longo de sua trajetória de vida e, talvez, exatamente por causa dessas contradições, às vezes mesmo de incoerências, Oreste Ristori prestou-se a ser muito mais o ator de sua própria história do que a do movimento. Fugimos desta forma, tanto da figura do indivíduo medíocre, quanto da figura venerável do herói; tanto do personagem representativo de um grupo social, quanto da figura de um Napoleão, o mito que encarna no senso comum a própria ideia de história.

O estudo do indivíduo remete a uma problemática dentro da historiografia que emergiu com força na década de 1980 e que diz respeito ao papel do indivíduo dentro da história, ou melhor, às ligações entre o indivíduo e o geral. Em debate realizado no ano de 1981, Furio Diaz levantou essa questão, tanto na época quanto hoje, ainda não resolvida pela historiografia contemporânea: a do papel do indivíduo na história. Para Diaz, ao substituímos as antigas biografias de cunho positivista das velhas personalidades políticas pelas novas biografias de indivíduos de menor projeção social, não encerramos o problema, apenas o mudamos de posição:

Oggi come oggi si può sostituire al criterio dell'elogio, al criterio del rappresentativo... al criterio delle forze impersonali, alle attrattive della 'storia del silenzio',... un rapporto più persuasivo tra biografia e svolgimento generale?... L'individuo, considerato per primo come categoria storica, e il suo posto nello svolgimento, questo sì è il problema che si presenta - o si ripresenta - per noi.<sup>22</sup>

Este, o problema que continua perpassando não somente a relação entre a biografia e a história, mas também a da literatura com a história, e, no limite, aquela de toda a arte narrativa com a história. Essa dificuldade existente entre as relações do

---

<sup>22</sup> VALOTA, Bianca. Storia e biografia. **Storia della storiografia** (1) 1982, p. 95: “Hoje pode-se substituir o critério do elogio, o critério do representativo... o critério das forças impessoais, as atrações da 'história dos vencidos',... uma relação mais persuasiva entre biografia e desenvolvimento geral?... O indivíduo, considerado primeiramente como categoria histórica, e o seu lugar no desenvolvimento da história, este sim é o problema que se apresenta – ou se reapresenta – para nós”. Tradução do autor.

particular com o geral também acompanhou as observações de Rosario Romeo, para quem parecia ser muito difícil que a “biografia, in sé, possa costituire un genere nettamente distinguibile da ogni altro lavoro di storia condotto con una metodologia consapevole ed affinata: la storia, a vario titolo, non induce sempre all'analisi dei ruoli individualmente creativi?”.<sup>23</sup> Essas intervenções aqui citadas estiveram presentes mais de trinta anos atrás num seminário sobre estudos biográficos realizado em Milão, numa época muito fértil para observarmos o debate sobre o retorno das narrativas na história e ao qual acorreram estudiosos de diferentes ramos do conhecimento.<sup>24</sup> Na esteira dos debates trazidos pela micro-história, Bianca Valota percebeu que a centralidade do problema não se encontrava na questão da legitimação ou não das biografias enquanto historiografia, mas sim nas múltiplas possibilidades, nas questões de forma e estilo da produção historiográfica, ou, falando de outro modo, nas artes de se narrar a história. Entendia ser a biografia como um gênero que vinha anunciando a nova forma literária da produção da narrativa histórica em oposição aos modelos quantitativos anteriores.

Mas, quando observamos um tipo de biografia cuja centralidade reside na relação intrínseca estabelecida entre o autor e o biografado como condutor da trama narrada, o problema modifica-se ainda mais. Não se trata de construir uma biografia que aspira a ser micro-história ou um estudo de caso, nem uma biografia que busca estudar o todo através de uma parte, muito menos de uma biografia que pretenda apreender um tema através do sujeito que o vive. Quando trata-se de um tipo de biografia em que o indivíduo é o eixo principal das ações e seu fazer é o próprio fundamento do conteúdo histórico, quando uma relação promíscua estabelece-se entre o particular e o geral que se resolve também através da interação subjetiva estabelecida entre escritor, fontes e personagem, como proceder do ponto de vista metodológico?

Podemos pensar esse tipo de biografia como sendo uma montagem coletiva onde um dos personagens individua-se e, através de um monólogo, singulariza-se do conjunto. Monólogo este que só tem sentido dentro daquela montagem e uma

---

<sup>23</sup> VALOTA, Bianca. Storia e biografia. **Storia della storiografia** (1) 1982, p. 95: “biografia, em si, possa constituir-se em um gênero nitidamente distinguível de qualquer outro trabalho de história conduzido com uma metodologia consciente e afinada: a história, em suas várias formas, não induz sempre à análise dos papéis individualmente criativos?”. Tradução do autor.

<sup>24</sup> Texto publicado por Bianca Valota na sessão Discussioni de **Storia della Storiografia** (1) 1982, sobre o seminário de estudos ocorrido em 9 de outubro de 1981 em Milão, na Fondazione Brodolini, que reuniu historiadores das mais diferentes tendências e orientações: Renzo De Felice, Gabriele De Rosa, Furio Diaz, Philippe Levillan, Sergio Romano, Rosario Romeo, Brunello Vigizzi e psicólogos e psiquiatras: Antonio Lo Cascio e Sergio Mellina.

montagem que passa a ser indissociável daquele personagem. Creio que tenha sido Hans Magnus Enzensberger quem mais perto chegou dessa forma biográfica aqui exposta ao escrever o “romance” de Buenaventura Durruti, tratando-o como se fosse uma colcha de retalhos, em suas palavras, “a história como ficção coletiva”.<sup>25</sup> Esse trabalho de compilação documental que compôs de forma coletiva a vida de Durruti, somente poderia ter saído da mente de um autor, ele mesmo, múltiplo: poeta, professor de teoria literária, ensaísta, ativista político. Ao escrever esse romance não ficcional em 1972 só com o rearranjo dos documentos por ele encontrados, Enzensberger antecipou aquilo que Gilles Deleuze posteriormente denominaria de agenciamentos, ou seja, páginas onde confluem e expõem-se múltiplos “acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais”.<sup>26</sup>

Retornando a Oreste Ristori, o seu destacado papel entre o movimento operário que lhe garantiu um invejável respeito e a pecha de “maior agitador já surgido em terras brasileiras”<sup>27</sup> não lhe garantiu, ainda bem, a sacralização do personagem. Ao contrário do militante anarquista italiano Luigi Fabbri, que afirma em dado momento de sua história “che sarei restato anarchico per tutta la vita: che non avrei potuto più mutare”,<sup>28</sup> fato que lhe rendeu autoridade moral dentro do movimento anarquista italiano, Ristori não manteve uma trajetória retilínea construída sobre o ideal da coerência que se exigiria para qualquer militante político, fosse anarquista ou comunista. A contradição sempre foi um componente marcante de sua personalidade forte, como quando, em 1934, rompeu publicamente com o anarquismo no salão das Classes Laboriosas de São Paulo ao condená-lo “como uma doutrina inconsequente e lunática”.<sup>29</sup>

Estes arroubos não se deram somente em função da mudança do contexto político da época. A suposta incoerência na história de vida deste personagem desmistifica a possibilidade de se buscar coerência nas relações entre indivíduo e contexto. A vida de Ristori revela, através da inconstância e da incoerência, que o

<sup>25</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O curto verão da anarquia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 14-18.

<sup>26</sup> DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. **Mil platôs**. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995, p. 18.

<sup>27</sup> DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Edaglit, 1962, p. 246.

<sup>28</sup> Pequeno trecho da biografia de Errico Malatesta feita Luigi Fabbri, publicado em *Studi Sociali* 2ª. série nº. 1, 20 nov. 1935 e reproduzido em FABBRI, Luce. **Luigi Fabbri: storia d'un uomo libero**. Pisa: BFS, 1996, p. 35: “que permanecería anarquista por toda a vida: que não poderia mais mudar”. Tradução do autor.

<sup>29</sup> MAFFEI, Eduardo. **A greve**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 107.

indivíduo é uma categoria histórica singular, onde nem sempre podemos buscar no contexto, as motivações para a origem de seus atos individuais. Esta incoerência, a interferência da subjetividade na condução do processo histórico, é o que garante ao indivíduo-personagem um papel único no desenvolver da história. Papel e história, individual e geral, somente ocorrem de uma dada forma, e não de outra, por conta do sujeito, indivíduo que deixa o anonimato e chama para si as rédeas da condução de sua vida-história.

As relações entre indivíduo e contexto e como elas se refletem em uma história de vida foram analisadas por Ferrarotti, no que eu entendo possa ser apresentada como a relação antropofágica do indivíduo com o meio. O indivíduo bebe no contexto que está inserido, digere e reproduz de uma forma própria a compreensão daquilo que Furio Diaz chamou de desenrolar da história. A alegoria da antropofagia praticada pelo homem enquanto sujeito ruminante das ideias externas permite-nos situar a biografia realizada desse modo como um gênero que se particulariza dentro da historiografia. Ao mesmo tempo, na medida em que a investigação se produz a partir de uma rigorosa investida metodológica, reclama para si o mesmo estatuto historiográfico. Assim chegamos ao outro ponto que separa ou, aproxima definitivamente, a biografia da história: o método.

### FALANDO UM POUCO SOBRE O MÉTODO

O texto biográfico é carregado de uma narratividade que torna o estilo da escrita muito mais literário do que, por exemplo, um trabalho de história quantitativa. A biografia tem, antes de tudo, a preocupação em contar uma história. Esta história contada demanda a presença de um narrador. O estilo literário e a linguagem adotada na narrativa aguçam as interações existentes entre história e arte, entre história e literatura, e colocam o historiador em uma delicada situação da necessidade do domínio da arte de contar. O historiador torna-se um literato. A tensão criada entre a forma, a narrativa e o conteúdo, pode situar a biografia como um gênero particular da historiografia, mas essa escolha, como diz Sérgio Romano, autor de inúmeras biografias políticas, arrisca de colocar o historiador na condição de um “letterato la cui vocazione e competenza consistono principalmente nel raccontare vite”.<sup>30</sup> A qualidade da forma narrativa

---

<sup>30</sup> ROMANO, Sergio. Considerazioni sulla biografia storica, *Storia della storiografia* (3) 1983, p. 117: “literato cuja vocação e competência consistem principalmente em narrar vidas”. Tradução do autor.

legítima a biografia enquanto gênero e o rigor de seu conteúdo a legítima enquanto história, mas, como alertou Romano, essa escolha pode diminuir seu valor e importância no âmbito historiográfico. Antes de tudo, o historiador que se propõe a realizar uma biografia deve superar esta tensão entre forma e conteúdo, dominando ambas as práticas (pesquisa exaustiva e rigorosa e exímia arte narrativa). O estudo sobre o melhor cavaleiro do mundo de Georges Duby<sup>31</sup> é um dos melhores exemplos de equação dessa tensão. Nesse texto, com uma solução narrativa que em alguns momentos nos dá a ideia de se tratar de uma ficção, o historiador francês situa-se com maestria em uma zona de intersecção entre a literatura e a história. Mas, Duby já era um historiador consagrado e fenômeno de vendas na França quando se propôs a narrar a vida de Guilherme Marechal, portanto portador de uma autoridade moral para escrever sua história da forma que quisesse.

Por outro lado, muitas vezes negligenciamos a produção de biografias históricas de qualidade realizadas por historiadores iniciantes ou mesmo feitas fora da academia. Separar o joio do trigo e não incorrer no erro de generalizações é uma forma sensata de valorizar os trabalhos biográficos sérios e imbuídos de uma reflexão metodológica. A interdisciplinaridade que caracteriza o nosso tempo deveria aproximar e não encastelar os trabalhos de historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos e linguistas. No campo específico da biografia, devemos incluir também nessa lista os jornalistas. O já citado trabalho de Christiane Barckhausen-Canale rastreando a vida de Tina Modotti, os elementos que fizeram com que Tina, humilde tecelã na juventude, passa-se pelo cinema mudo, pela fotografia e principalmente pela militância política, confundindo sua própria história com parte da história social da primeira metade deste século, desde o itinerário das fontes, o método de trabalho, e a resposta às questões formuladas, em tudo, este trabalho, sem grandes diálogos com a historiografia da revolução mexicana, passa a tornar-se parte dela. E no caminho inverso, os historiadores, ao narrarem uma história, uma trajetória pessoal muito particular, ao buscar “compreender o caminho próprio de exercício da rebeldia, a maneira como Fóscolo foi capaz de articular uma vivência libertária singular, atuando sozinho no sertão mineiro”<sup>32</sup> podem, também, fazê-lo de modo muito singular desdobrando-se em

<sup>31</sup> DUBY, Georges. **Guilherme Marechal**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 211.

<sup>32</sup> DUARTE, Regina Horta. Lógica histórica, sujeito e criação: temas de pesquisa na história do Brasil, século XIX e XX. **História da historiografia**, UFOP (5) 2010, p. 115-33.

escritores de grande refinamento, como Regina Horta Duarte nessa sua biografia sobre a vida de Avelino Fóscolo.<sup>33</sup> Ou, ainda para permanecer no mesmo campo da história e das singularidades libertárias, a narrativa realizada por Margareth Rago ao escrever a biografia de Luce Fabbri.<sup>34</sup>

Porém, é necessário proceder com muita cautela frente à vasta e dispare gama de biografias que são realizadas atualmente. Tendo se tornado um gênero literário de larga vendagem, sempre encontramos uma biografia na lista dos livros mais vendidos, as biografias estimularam a ganância dos editores e fizeram surgir o escritor especializado no gênero, geralmente obstinado em escancarar ao público situações nada confortáveis da vida privada do personagem biografado. E isto ocorre não somente entre escritores ou jornalistas, e outros nem tão profissionais assim, mas também entre cientistas sociais consagrados como Jorge Castañeda que desvelou a face autoritária do caráter de Che Guevara, desmontando o mito do cavaleiro libertário latino-americano. Passada a fase de maior interesse pela história social entre as décadas de 1970 e 1990, que permitiu uma produção historiográfica de biografias de sujeitos quase desconhecidos do grande público, parece que na atualidade somente as vidas dos personagens mais conhecidos lhes confere contornos editoriais para terem suas biografias publicadas pelo mercado editorial. Frente a essa indústria cultural, ávida em números e cifras, e consumidores de vidas novelescas, como fica a posição do historiador preocupado com o rigor metodológico e, principalmente, preocupado em narrar trajetórias de indivíduos pouco conhecidos do público?

Resta clara, ainda, a necessidade de uma maior reflexão metodológica em torno das biografias realizadas, e não somente naquelas realizadas pelos historiadores. O retorno ao indivíduo como forma de registro sobre o passado, o que provocou também um retorno dos historiadores à produção de biografias, exigiu também uma discussão mais aprofundada sobre algumas condutas relativas ao método, específicas do gênero biográfico. O desenvolvimento da psicologia e dos estudos sobre o inconsciente no decorrer do século XX, sua difusão e penetração junto à população como um todo, ampliaram o entendimento acerca da produção de subjetividades como fator inerente à

---

<sup>33</sup> DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas; Pontes, 1991, p. 133.

<sup>34</sup> RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2001, p. 368.



própria existência do homem contemporâneo. Os leitores hoje entendem muito bem que inúmeros elementos subjetivos são componentes e constituintes do conhecimento, inclusive do conhecimento histórico. Os estudos biográficos trazem em seu método de análise uma parcela significativa desses elementos de caráter subjetivo, interpretações sobre a vida do indivíduo.

A biografia se propõe a contar uma história a partir de algumas fontes selecionadas. No caso de fontes que são memórias pessoais, elas podem ser diretas, os diversos tipos de fontes que compõe relatos de caráter memorialístico e que contam uma história, ou indiretas, aquelas que recontam uma história que não foi vivida diretamente pelo seu autor, onde este exerce a função de narrar uma história que já lhe foi transmitida. Como com qualquer tipo de fonte, orais ou escritas, sempre lidamos com fatos que já estiveram sujeitos a uma mediação, mas, no caso de memórias muitas vezes o próprio tempo decorrido entre o fato vivido e o momento da rememoração encarrega-se de realizar a mediação no próprio narrador. E ainda mais no caso de memórias indiretas, quando o discurso original sofreu uma segunda ou mais mediações, na voz ou texto do narrador ou narradores que reapresentam a fala ausente.

Ainda dentro das artes da memória, existem as histórias orais que, mais do que nos dar uma verdadeira dimensão do real ocorrido, transmitem a projeção daquilo que, por interesse, permaneceu na memória do entrevistado. Neste caso, é exemplar a interessante análise feita por Alessandro Portelli sobre a memória dos trabalhadores de Terni que vivenciaram a morte do operário Luigi Trastulli, assassinado pela polícia em um piquete na porta de fábrica. Os entrevistados por Portelli deslocaram a data da morte de Trastulli em quatro anos. Moveram-na de 1949, ano em que de fato ocorreu o confronto com a polícia sem que tivesse havido a reação de seus companheiros vivos, para o ano de 1953, quando se produziu um levante generalizado dos operários metalúrgicos daquela cidade por melhores condições de trabalho. Para Portelli, a transferência de datas foi uma forma inconsciente encontrada pelos operários em autoafirmarem-se como capazes de reagir às injustiças legais e de projetarem para si mesmos uma positividade: a deles terem lutado contra a polícia e o poder constituído em protesto contra o assassinato de um companheiro seu quando, na verdade, não o

havam feito.<sup>35</sup> Nesse exemplo, Portelli não somente evidenciou o caráter subjetivo da história oral, mas o valorizou justamente naquilo que a objetividade na historiografia o menosprezaria, na possibilidade da oralidade trazer os sentimentos mais profundos presentes, tanto no indivíduo quanto incrustados na memória coletiva.

Boa parte da construção de uma biografia é produzida com esses três tipos de fontes que nos chegam através de uma série de mediações pessoais, de caráter emocional ou mesmo de falhas da memória pessoal, e também de mediações realizadas por terceiros. O manuseio desse material de trabalho nos remete diretamente às relações entre objetivo e subjetivo nas fontes. Sem dúvida, boa parte das fontes existentes para compor uma biografia detém uma carga maior de subjetividade, o que, pela própria natureza delas, faz com que tanto o método de análise, quanto o produto final do trabalho esteja por ela permeado. São esses mesmos elementos subjetivos que se encontram no “romance” sobre Buenaventura Durruti, no qual a aura criada em torno do personagem fez com que a rememoração de sua vida transcendesse qualquer possibilidade de apropriação objetiva e se tornasse uma projeção imaginária pertencente ao coletivo. Com diz Enzensberger, "para os povos, a história é e permanece sendo um feixe de histórias, que se observa, que se recorda e que pode ser narrado por várias vezes sem fim: um recontar a história".<sup>36</sup>

A pesquisa que efetuei dirigiu-se ao passado do biografado como se fosse uma entrevista, dialogando com o personagem. A investigação dialogística das fontes buscou penetrar nesse universo mais subjetivo, questionando-lhe as motivações mais profundas. As fontes foram selecionadas e divididas nas diferentes tipologias aqui apresentadas e a partir desse estudo prévio foi elaborado um roteiro de perguntas que me guiou nas indagações sobre o personagem. A elaboração desse roteiro deu-se através do cruzamento das informações existentes na bibliografia, nos periódicos, nos processos pesquisados e nas fontes da vida privada, elementos que me possibilitaram seguir as pegadas deixadas por Ristori. Através desse método investigativo consegui preencher as lacunas existentes nas fontes com algumas suposições e possíveis projeções que poderiam ter sido realizadas pelo protagonista em sua história.

---

<sup>35</sup> PORTELLI, Alessandro. Memória e acontecimento. A morte de Luigi Trastulli. In: CARDINA, Miguel e CORDOVIL, Bruno (org.). **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**. Lisboa: Unipop, 2014, p. (101)-(163).

<sup>36</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O curto verão da anarquia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15.

A escrita sobre a história permanece impregnada pela subjetividade do autor, por mais que ela se esconda em um discurso de neutralidade, e no caso das biografias essa promiscuidade sujeito-objeto se faz ainda mais presente. Assumindo esse paradigma de modo positivo, tratei de incorporar metodologicamente essa percepção ao lidar com as fontes. E lembrando-me dos entrevistados de Portelli em Terni, procurei construir uma biografia sobre Oreste Ristori em que tentei manter-me fiel ao que de sua vida permaneceu de mais positivo na memória coletiva de seu grupo de afinidades.

Retornando ao prólogo para nosso epílogo, a exclusão por princípio da validade da biografia enquanto uma História com agá maiúsculo trazida pela resposta sociológica dada por Jorge Castañeda, portanto, provinda do núcleo duro das ciências humanas, evidenciava na época a clara distância que haveria entre o gênero literário biográfico e a atividade investigativa científica do historiador. Recordando-me dessa entrevista, na condição de um historiador que escreveu uma biografia, me senti instigado a investigar a validade e a permanência desse problema até o presente. E com isso, questionar alguns critérios que ainda perduram na diferenciação entre uma História maiúscula de uma biografia pressuposta apenas como narrativa histórica sobre um indivíduo e sua época.

A biografia, enquanto gênero histórico, existe justamente devido a esses indivíduos que, independentemente das relações de classe ou poder, ousaram reclamar para si próprios a condução de suas vidas, de suas histórias pessoais, interferindo e transformando, desta forma, o desenvolvimento de uma história mais ampla, geral. Portanto, torna-se terreno fértil para uma biografia histórica aquela trajetória individual que foge à expectativa do mais genérico e singulariza-se durante sua existência, pois permite que vislumbremos devires ao acontecimento que não foram ainda institucionalizados pela história. Em outras palavras, coloca a prática da história como aquilo que ela tradicionalmente não o é: desestabilizadora do presente reinventando o passado socialmente instituído.<sup>37</sup> Não por acaso, ao me envolver com o tema optei por estudar o movimento anarquista e o pensamento libertário a partir de um ativista. Sendo a diretriz básica que orienta o pensamento anarquista a libertação do indivíduo das opressões a que está submetido na sociedade, no decorrer do trabalho, dei-me conta que a dimensão histórica de Oreste Ristori ultrapassava a dimensão do próprio movimento

---

<sup>37</sup> DELEUZE, Gilles. Controle e devir. In **Conversações**. São Paulo; Ed. 34, 1992, p. 209-218.

uma vez que para além da ideologia seguida ele buscou a libertação individual das amarras determinísticas do social, tornando-se no devir que escapa ao controle da história.

**RECEBIDO EM: 07/11/2014**

**PARECER DADO EM: 17/12/2015**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)